



## MILTON SANTOS – Uma Apreciação

■ ROBERTO LOBATO CORRÊA, DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/UFRJ

● espaço geográfico, entendido como o território usado, segundo a expressão de Milton Santos, constituiu-se no foco central e permanente da obra desse grande e saudoso geógrafo brasileiro. O interesse pelo espaço está presente em toda a sua obra, seja por intermédio de seus estudos sobre a rede urbana baiana ou dos países subdesenvolvidos, seja no centro da cidade de Salvador, seja ainda em seus estudos sobre a globalização, a cidadania e as formulações teóricas a respeito da natureza da geografia, das quais a mais importante reside no conceito de formação espacial, uma leitura geográfica do seminal conceito de formação socioeconômica.

Milton Santos sempre insistiu sobre a explícita particularidade da geografia no seio das ciências focalizadas no homem. Trata-se não apenas de delimitação da identidade da geografia, mas da afirmação de um olhar que, sem deixar de ser econômico, social, político e cultural, reúne, ao contrário, todas essas dimensões no espaço, ao mesmo tempo reflexo e condição da sociedade por meio de suas formas – os fixos, diria Milton Santos – e dos fluxos – prosseguiria ele. Ou das formas como objetos resultantes de ações engendradas pela sociedade visando a sua existência e reprodução. Esta insistência gerou descabidas críticas por parte de geógrafos que mal distinguem a particularidade da geografia, enquanto ciência social, no

âmbito das ciências da sociedade. A reafirmação constante dessa particularidade, fornecedora da inequívoca identidade da geografia, foi acompanhada de uma profunda preocupação com a vida, com a cidadania plena de todos.

Negro, em um país em que o racismo assume as formas mais sutis de manifestação e de exclusão objetiva, Milton Santos simboliza a luta daqueles que têm que se sobrepujar, não apenas para realizar as suas potencialidades, torná-las plenas, mas para, de posse de uma rica visão social crítica, contribuir para uma cidadania plena e universal. Sua arma foi a geografia, este saber que, como os demais, não serve apenas para fazer a guerra, mas também para contribuir para uma sociedade mais justa, na qual impera a justiça socioespacial, sem distinções entre os “espaços que mandam” e os “espaços que obedecem”, os “espaços luminosos” e os “espaços opacos”, sem guetos, enclaves e cidadelas, na qual haja apenas um único circuito espacial da economia, marcado pela cooperação e não pela competição, na qual as “rugosidades” sejam apenas marcos de uma memória feliz e a globalização reconstruída sem desigualdades, mas com as diferenças culturais respeitadas. A justiça socioespacial, impensável e irrealizável no capitalismo, pressupõe também um meio ambiente sem os desequilíbrios que se acentuam.

A justiça socioespacial já estava presente em Milton Santos desde o início da década de 1950, quando ele começou a sua carreira de geógrafo na então Universidade da Bahia, em Salvador. Acen- tuou-se a partir de meados da década de 1960, quando, por cerca de 10 anos, teve que residir fora de sua Bahia. Paris, Strasbourg, Toulouse, To- ronto, New York, Caracas, Dar-es-Salam, objeti- vamente, mas todo o planeta em espírito, torna- ram-se pontos de referência, espaços existenciais nos quais o pensamento crítico, primeiramente, associado ao Terceiro Mundo e depois globaliza- damente, foi elaborado e a "totalidade do diabo" percebida em toda a sua extensão e significado e poderosamente criticada. A "avareza" manifesta-se também espacialmente.

Milton Santos (1926-2001) foi um homem do século XX, mas o seu olhar e pensamento estavam voltados para o século XXI, do qual apenas seis me- ses, sofridos mas produtivos, ele vivenciou. A sua mensagem, contudo, é para o século que se inicia.

A Universidade de São Paulo, ainda que não o único, foi o principal centro onde Milton Santos pesquisou, orientou e ensinou. Lá foram escritas algumas de suas obras mais importantes e organi- zados seminários internacionais de expressivo sig- nificado. De lá saiu uma luz que intensificou a auto- estima dos geógrafos brasileiros. Uma geografia nova, e sempre renovada, foi ali produzida e di- fundida.

Há homens que têm a sua passagem marcada por ações e obras que repercutem socialmente. Milton Santos, com a sua imaginação geográfi- ca e sua generosidade social, teve a sua passa- gem profundamente marcada, constituindo-se em referência obrigatória para todos aqueles, geógrafos ou não, que têm a ciência na mente e a generosidade no coração em prol de uma ple- na justiça socioespacial, projeto que se consti- tui na mais bela tarefa da humanidade. Neste projeto Milton Santos situa-se, ao lado de al- guns, na liderança.